

# Desmatamento na Amazônia é menor, afirma Goldemberg

ELIZABETH LOPES

BRASÍLIA — A taxa média de desmatamento na Amazônia no período de 1978 a 1989 foi de 21.800 quilômetros quadrados por ano — cerca de 2,2 milhões de hectares. Esse índice é cerca de quatro vezes menor que o anunciado pelo Instituto de Recursos Mundiais, que previa desmatamento de 80 mil quilômetros anuais. Os dados foram divulgados ontem pelo secretário de Ciência e Tecnologia, José Goldemberg, com base em estudos recentes realizados pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), de São José dos Campos (SP). Pelas informações do Inpe, Goldemberg concluiu que o desmatamento da Amazônia ainda é elevado, mas “não está crescendo tanto quanto se temia”.

Os números do instituto indicam também que a área

total desmatada até o ano passado foi de 394 mil quilômetros quadrados, dos quais 93 mil anteriores a 1974. Para os técnicos do Inpe, a devastação das matas tem progredido a uma taxa constante nos últimos 16 anos, “e não exponencialmente, como previsto pelo Banco Mundial e outros organismos internacionais”. Ainda de acordo com os especialistas, o desmatamento no Pará e Rondônia deixou de crescer de forma significativa.

## EFEITO ESTUFA

O documento preparado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, que já foi enviado à Embaixada brasileira em Washington para ser divulgado, faz um balanço dos efeitos do desmatamento da Amazônia nas emissões globais de carbono. Segundo o estudo, a destruição das florestas contribuiu com 254 milhões de toneladas por ano para essas emissões, num total de 3,7%.

De acordo com o secretário de Ciência e Tecnologia, esses dados também não confirmam estudos feitos pelo Instituto de Recursos Mundiais. Pela avaliação da entidade, o Brasil estaria ocupando o terceiro lugar entre os países que mais liberam gases causadores do efeito estufa, com um percentual de 11%.

Para José Goldemberg, os países ricos poderiam ajudar o Brasil a reduzir a emissão de carbono resultante dos desmatamentos. O secretário defendeu o estabelecimento de uma ajuda anual das nações ricas para o País, no valor de US\$ 2,2 bilhões, destinados ao reflorestamento. “Não seria nenhuma filantropia, pois eles também têm interesses em reduzir as consequências do efeito estufa”, afirmou. Pelas contas do secretário, são necessários US\$ 1 mil para reflorestar cada hectare de área desmatada.



Goldemberg: sem filantropia